

DANIEL MAQUINASSE

GUERRILHEIRO-FOTÓGRAFO:

«NUMA EMBOSCADA NÃO PENSAVA NA MÁQUINA FOTOGRÁFICA»

Em 25 de Setembro faz vinte anos que começou a Luta Armada da Libertação Nacional. O nosso entrevistado de hoje é um guerrilheiro-fotógrafo. A sua entrevista é um testemunho dessa luta heroica, mas também o retrato de uma vida de fotógrafo em condições históricas.

Recentemente, Daniel Maquinasse foi galardoado com o primeiro prémio do 2.º Concurso Internacional de Fotografia, dedicado ao 20.º aniversário da fundação da Organização de Unidade Africana.

Recebeu-nos no seu local de trabalho e, depois de uns minutos no laboratório, veio conversar connosco.

— Quando é que pegou numa máquina — disparámos a primeira pergunta.

— Comecei a brincar com uma máquina fotográfica em 1965.

Daniel Maquinasse nasceu em 11 de Novembro de 1946, na Vila de Manica. Teria, portanto, aproximadamente 19 anos quando se iniciou



Daniel Maquinasse recebeu-nos no seu local de trabalho e conversou connosco

na actividade que hoje ocupa a sua vida profissional. E esclarece:

— Com aquela máquina simples — era uma Kodak Instamatic — tirava fotografias aos meus familiares e amigos.

Mas o que caracteriza a vida é a sua mutação constante. Naquela ocasião, se dissessem o Maquinasse que viria a ser fotógrafo talvez se tivesse rido da ideia. Ou então, pelo contrário, no seu subconsciente estivesse já gravada a determinação de enveredar por esse trilho dos homens que transmitem aos outros as cenas agradáveis (e desagradáveis, também) da vida, que só uma minoria presencia.

— Em 1967 — prossegue no seu relato pausado — fui para o serviço militar obrigatório, a tropa colonial. Ali, consegui comprar uma máquina melhor, uma Halina. Tirava fotos aos meus amigos, por vezes eram eles que me tiravam a mim. Até que fui para a antiga Nova Oliveira e, em 1968, desertei da tropa colonial.

— Porquê só nessa altura?

— Em Manica era difícil. Ali estava relativamente próximo da fronteira e além disso os naturais da zona davam-nos informações importantes para chegarmos à Tanzânia. Vai em direcção àquele monte, atravessa aquele rio, depois daquela montanha fica a Tanzânia. E assim cheguei lá.

— E a máquina? — levei-a comigo!

E A VIDA COMEÇA DE NOVO

Pode-se dizer que ao atravessar a fronteira uma etapa estava vencida. Outras se seguiriam. O que se passou, nos primeiros tempos, não é difícil de imaginar. Mas escutamos o que Maquinasse tem para nos dizer:

— Cheguei a Nachingwea e comecei a treinar. A preparação acabou seis meses depois e então fui fazer a guerrilha para Cabo Delgado.

— E a máquina? — quisemos saber de novo.

— Nessa época já não tinha máquina. Estava avariado. Tinha apanhado uma chuva tal que não resistiu.

— Mas o Maquinasse, durante a Luta de Libertação Nacional, «disparou» inúmeras vezes a objectiva?

— Mas isso ainda levou algum tempo. Em meados de 1969 regressou a Nachingwea e, então, foi escolhido para participar num curso de fotografia. Três de nós fomos seleccionados e seguimos para Dar-es-Salaam. Era um fotógrafo sueco que ministrava o curso. Chamava-se Lorence. Ali juntámo-nos a outros três que iam frequentar o curso, entre os quais estava a falecida Josina Machel, que gostava muito de fotografia.

O curso durou um mês. Trabalhava-se dia e noite, pois o fotógrafo sueco era muito exigente. De dia eram as aulas práticas com as máquinas e à noite trabalhávamos no laboratório e no arquivo.

— Desse curso só ficámos três, pois os outros desistiram e Josina faleceu.

— Quais os outros dois que terminaram o curso?

— O Artur Torohate, que trabalha na Televisão, e o Simão Matias, que está em Pemba.

A PRIMEIRA REPORTAGEM

Terminado o curso foram distribuídos por Cabo Delgado e Niassa. Daniel Maquinasse voltou novamente para Cabo Delgado. Num pequeno aparelho diz-nos:

— Antes do FRELIMO ter alguns fotógrafos quem tirava as fotografias eram os camaradas Jorge Rebelo e Joaquim Chissano. É o caso, por exemplo, das fotos do II Congresso.

— Ainda se recorda da sua primeira experiência como fotógrafo-guerrilheiro?

— Foi em Nangade. O objectivo era fazer uma reportagem do assalto ao quartel colonial. Devido a factores vários tivemos de esperar muito tempo na Base Beira. Durante esse tempo o inimigo fez uma incursão nas Zonas Libertadas e capturou pessoas da população que teriam avisado da grande concentração de guerrilheiros na Base.

Tomámos posições cerca das 18 horas para atacarmos no dia seguinte

pelas cinco horas da manhã. Dormimos lá, perto de um rio. Nunca me esqueço disso. Foi uma noite de luta tremenda contra os mosquitos. Como estava programado, às cinco horas, começou o primeiro disparo de canhão. Quem comandava a artilharia era, o agora Tenente-Coronel, Amândio Chongo. E a infantaria começou a progredir para fazer o assalto final. Alguns guerrilheiros estavam já perto do cerco de arame farpado mas da parte do inimigo não havia resposta. O inimigo fora avisado e estava emboscado no exterior. Quando começaram a disparar pela retaguarda não foi possível realizar o assalto.

— Uma reportagem frustrada, portanto?

— Não completamente pois fizemos a reportagem de todo o nosso projecto. Mas o desejo, realmente, era obter fotografias do quartel ocupado pelos guerrilheiros da FRELIMO.

UM RIO DIFÍCIL DE ATRAVESSAR

Depois sucederam-se muitas reportagens nas Zonas Libertadas. E se a guerra era um perigo constante, outros também surgiam. E Maquinasse conta uma perpécia que se passou com ele.

— Tivemos que atravessar o rio Missala, de canoa. O caudal era forte pois estava-se no tempo das chuvas. Papoeiras, bananeiras e troncos de árvores passavam à nossa frente. Do outro lado do rio os «Fiats» bombardeavam e vinham tomar posição a meio do rio. Quis ser o primeiro para tirar as fotografias dos nossos guerrilheiros a tomarem posição. A canoa afundou-se. Comigo a mochila, a arma, a máquina e todos os filmes que já fotografara. Na canoa ia um companheiro que não sabia nadar e se agarrou a mim, impossibilitando-me de

nadar. Tive de largar tudo. Tudo ficou na água. E foi preciso socorrer esse companheiro que estava a ser arrastado. Foi um dos momentos mais difíceis. Tudo perdido num instante.

— E o vosso trabalho já estava a dar frutos?

— Sim. A «Voz da Revolução» e a «Mozambique Revolution» já tinham mais ilustração.

UM MORTEIRO NÃO SE ABANDONA

— Mas a guerra continuava?

— Com o «Nó Górdio» voltei novamente a Cabo Delgado. Ainda hoje tenho em arquivo material dos combates, da vida dos guerrilheiros, da população.

E acrescenta:

— Foi a parte mais difícil da nossa luta, com tanta tropa colonial no mato e tanto material sofisticado. Mas aí pude registar a participação popular na Luta de Libertação Nacional. Com os seus machados cortava os árvores para barrarem as estradas, ou transportando material para as nossas bases.

— Cala-se um pouco como para reportar melhor e depois prossegue:

— Durante o «Nó Górdio» um grupo que levava material para a base caiu numa emboscada da tropa colonial. Uma mulher levava um morteiro à cabeça e às costas o filho. Foi das poucas que não abandonou o que transportava e conseguiu chegar até à base. Só lá é que notou que a criança tinha sido atingida por uma bala que decepcionou um dos pés. Ainda tenho essa fotografia tirada no hospital da base. E ela diz: «Com essa arma vinguem o que os portugueses nos fizeram».

— O Maquinasse era guerrilheiro e fotógrafo. Num combate o que é que prevalecia?

— Na altura o consciência batia mais em combater. Se estava numa



emboscada não pensava em ir buscar a máquina fotográfica.

— Viu cair muitos companheiros de luta?

— Isso, numa guerra, é inevitável. Mas cada morte de um companheiro era o ampliar do ódio contra o inimigo.

Com a Independência surge uma nova vida. Casa com uma guerrilheira que conheceu na Tanzânia e que depois volta a encontrar em Maputo. Tem três filhos, uma rapariga que faz sete anos em Setembro e dois rapazes gémeos já com cinco.

NA FRELIMO APRENDI MUITO

Fotografou os Acordos de Lusaka, em 1974. Depois veio com o primeiro grupo da FRELIMO para a ex-Lourenço Marques e fotógrafo a tomada de posse do Governo de Transição. Mas regressa a Dar-es-Salaam. Não acompanha a histórica viagem do Rovumo ao Maputo pois tem por missão trazer para o seu país toda a documentação e o arquivo fotográfico que existia na Tanzânia. Mas não perde a Proclamação da Independência:

— Foi uma noite jamais vista. Todo o sofrimento que tivemos no mato, vimos nessa noite o sonho realizado. Todos os nossos desejos concretizados. É difícil explicar por palavras o que então senti. Foi o fim de uma fase na luta.

Depois é o trabalho efectuado durante as agressões rodesianas. Após o Acordo de Lancaster House acompanha Mugabe ao Zimbabwe e regressa lá pela independência. Por último fala do Acordo de Nkomati. A conversa está a chegar ao fim. Maquinasse diz-nos:

— Na FRELIMO aprendi muito. Aprendi que todos os homens são iguais. Cresci a suportar e a viver o sofrimento. O meu pai que é camponês não aceitava abandonar as machambas melhores que os colonos pretendiam para si. Vendo esta luta desde miúdo vivia a pensar que o inimigo era o branco. A ida para a FRELIMO foi uma escola. Ali aprendemos a definir o inimigo. ■

ENTREVISTA
DE TORRES RODRIGUES



Uma foto dos tempos de guerrilheiros, durante a Luta Armada de Libertação Nacional